

O Pensar Reflexivo Como Objetivo do Processo Educativo na Perspectiva de John Dewey

Reflexive Thinking as the Aim of the Educational Process according to John Dewey

JOSÉ IVAN LOPES¹

JOÃO HENRIQUE MAGALHÃES DA SILVA²

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a concepção de pensamento reflexivo na perspectiva do filósofo, pedagogo e psicólogo estadunidense John Dewey, e porque a reflexão deve se tornar o objetivo da educação. Neste sentido, o discente deve ser capaz de pensar de forma ordenada diante de algo que lhe causa perplexidade ou dúvida, passando de um conhecimento superficial, puramente empírico, para um conhecimento mais elaborado, investigativo, científico. Nessa transição o professor, que não é mais o centro do processo educativo, tem o papel de mediador e incentivador à pesquisa e à reflexão. A educação deve estar ligada à vida e à experiência, porque estando baseada em algo concreto, no contexto existencial do sujeito, fará com que ele tenha mais interesse pelo processo educativo. É objetivo da educação fazer com que o sujeito seja capaz de utilizar os conhecimentos adquiridos para desenvolver habilidades para a resolução de problemas, sendo capaz de estabelecer ligações e continuidades entre as ideias oriundas do pensar.

Palavras-chave: Pensamento. Reflexivo. Dewey. Educação. Experiência.

Abstract: This study aims to present the design of reflective thinking in the philosopher's perspective, educator and American psychologist John Dewey, and because reflection must become the goal of education. In this sense, the student should

¹ Mestre em Ciência da Religião pela PUC Minas. Especialista em Pedagogia Empresarial pela FINOM. Licenciado em Filosofia pela PUC Minas. Atualmente é Diretor Acadêmico da FINOM. E-mail: peiva3@hotmail.com

² Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH) do Centro de Ensino Superior do Brasil (CESB), licenciando em História pelo Centro Universitário Claretiano. Especialista em Docência do Ensino Superior, Inspeção, Orientação e Supervisão Escolar, pela Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM). E-mail: jhmspo@hotmail.com

be able to orderly way of thinking on something that causes confusion or doubt, from a superficial knowledge, purely empirical, for a more elaborate, investigative, scientific knowledge. In this transition the teacher, who is no longer the center of the educational process, has the role of mediator and encouraging research and reflection. Education should be linked to life and experience, because being based on something concrete, in the existential context of the subject, will cause it to have more interest in the educational process. It is the aim of education to make the subject is able to use the knowledge gained to develop skills for problem solving, being able to make connections and continuities between the arising of thinking ideas.

Keywords: Thinking. Reflective. Dewey. Education. Experience.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende analisar o pensamento reflexivo segundo a concepção de John Dewey, além de esclarecer alguns questionamentos acerca do pensar reflexivamente, tais como: por que há a necessidade de se aprofundar o conhecimento, tendo como base o método científico? Qual o papel do professor para a construção do pensamento reflexivo dos alunos? Por que o conhecimento deve se vincular às experiências do cotidiano dos discentes? E por último, por que a educação deve ter como meta o pensamento reflexivo?

Dewey (1859-1952), filósofo, pedagogo e psicólogo estadunidense é um dos principais expoentes da pedagogia contemporânea, revolucionou o pensamento educacional dos séculos XIX e XX. Até então, o educar consistia na mera transmissão e recepção de conteúdo. O professor, por sua vez, era o centro do processo educativo, detentor do conhecimento e figura inquestionável. As experiências trazidas pelos discentes eram ignoradas.

Por outro lado, de acordo com o pensamento deweyano, o aluno deve ser o protagonista do processo educativo. O professor passa a assumir o papel de mediador e incentivador, respeitando o conhecimento já adquirido pelos alunos, para tanto, a inserção social da escola torna-se imprescindível.

Para Dewey, a educação deve proporcionar o aprendizado a partir das experiências cotidianas. Os alunos devem saber lidar com os conteúdos de forma a entendê-los, podendo reorganizá-los, transformá-los, gerando mais conhecimento. A educação deve ter como objetivo incentivar os alunos a pensar de forma reflexiva, por meio da investigação, passando de um conhecimento puramente empírico ao saber científico, que lhes proporciona mais segurança na resolução de problemas e no esclarecimento das dúvidas.

Os discentes devem ser capazes de raciocinar e estabelecer conexões entre os conteúdos aprendidos. As experiências aprendidas devem ser submetidas ao método científico, levantando hipóteses, pois elas devem ser comprovadas ou refutadas, isso só é possível por meio da pesquisa, da investigação, ou seja, através do pensamento reflexivo.

PENSAMENTO REFLEXIVO SEGUNDO JOHN DEWEY

A criança é como um recipiente vazio, desprovido de conteúdo, sem registro de experiências, não possui a capacidade de interligar ideias e fatos de forma espontânea, possui apenas o instinto necessário à sua sobrevivência.

“A criança pequena começa naturalmente com meros ruídos e sons que não tem nenhum sentido e que, portanto, não expressam nenhuma ideia” (DEWEY, 1998, p. 25). O meio de que ela dispõe para adquirir conhecimento é através do seu sistema sensorial. Desta forma, o conhecimento empírico é o modo pelo qual a criança intensifica sua experiência, que geralmente é adquirido por imitação.

É muito comum que os ensinamentos dos pais ou de pessoas próximas da criança sejam registrados em sua mente, e que, uma vez impressos em seu entendimento, deixam marcas fortes, pois é a partir do que lhe é ensinado que a criança vai construindo a sua inteligência sobre as coisas que a cercam.

Paulatinamente, por meio da curiosidade, a criança vai adquirindo conhecimentos, pois “todo ser vivo permanece em constante interação com seu meio. Está imerso em um processo de intercâmbio, atua sobre os objetos que o rodeiam e recebe algo deles: impressões, estímulos. Este processo de interação constitui o marco referencial da experiência” (DEWEY, 2007, p. 52).

Gradativamente a criança amplia seu campo de conhecimento sobre as coisas existentes, para direcionar suas ações, sabendo selecionar o que lhe é necessário para alcançar seus objetivos. Eis uma das funções da educação, a de orientação na busca da sistematização do conhecimento. Inicia-se assim o processo de reflexão. “O conceito de ‘reflexão’ se conecta diretamente a outros termos (ação, prática, etc.), operando transformações em função daquele com que se relaciona” (NUZZACI, 2011, p. 15).

De acordo com Nuzzaci (2011), Dewey é reconhecido como um dos principais proponentes da “reflexão”, que individua em uma forma especializada de pensamento originada da dúvida e da perplexidade

provada diretamente em uma situação prática que conduz a uma indagação relevante e a uma possível resolução dos problemas específicos, dinamicamente envolvido em conexões e ideias relacionadas entre si.

O pensamento se origina de uma perplexidade, confusão ou dúvida, não se trata de combustão espontânea, mas deve ser provocado, impulsionado, motivado.

O pensamento reflexivo, diferentemente, de outras operações denominadas de pensamento, implica:

- I. Um estado de dúvida, de vacilação, de perplexidade, de dificuldade mental, na qual se origina o pensamento.
- II. Um ato de busca, de caça, de investigação, para encontrar algum material que esclareça a dúvida, que dissipe a perplexidade (DEWEY, 2007, p. 27-28)

Portanto, a busca pela solução de um estado de dúvida é que vai orientar o processo de reflexão. “Enquanto o pensar rotineiro é guiado por impulso, hábito, tradição ou submissão à autoridade” (FÁVERO; TONIETO; ROMAN, 2013, p. 283), o pensamento reflexivo é elaborado, não se trata de uma ideia isolada, mas de uma rede de ideias conexas e coesas, requer investigação e método para se alcançar o objetivo, que é o de solucionar o problema causado pela incerteza.

O pensamento reflexivo, tem seu início em uma bifurcação de caminhos, em uma situação de ambiguidade, um dilema, Dewey utiliza a metáfora da árvore, na qual se sobe, diante da incerteza, na busca de uma visão mais ampla da situação, para auxiliar na tomada de decisão. Para ele, a reflexão possui cinco fases ou aspectos:

- I. Propostas, nas quais a mente salta até adiante em busca de uma possível solução.
- II. Uma intelectualização da dificuldade ou perplexidade que se tem experimentado (vivido diretamente) em um problema que tem que ser resolvido, uma pergunta a qual deve-se buscar resposta.
- III. O uso de uma sugestão como ideia condutora, ou hipóteses, para iniciar e guiar a observação e outras operações para colher material objetivo.
- IV. A elaboração mental da ideia ou suposição como ideia ou suposição (raciocínio, no sentido que o raciocínio é uma parte da dedução e não sua totalidade).
- V. Comprovação de hipótese mediante a ação real ou imaginada (DEWEY, 2007, p. 117).

Segundo Rodgers (2002), a função da reflexão é dar sentido: para formular as “relações e continuidades” entre os elementos de uma experiência inesquecível, entre a experiência e outras experiências, entre a experiência e o conhecimento que se carrega e, por outro lado, abordar os saberes e conhecimentos produzidos por outros pensadores e por si mesmo.

O pensamento é o que nos torna capazes para conduzir nossas ações com previsibilidade, tornando-nos competentes para planejar e alcançar objetivos de forma consciente. Nos capacita para atuar de forma deliberada e intencional, de acordo com a finalidade, para conseguir atingir objetivos ou conquistar o domínio daquilo que ainda está por vir, ou seja, de poder enxergar aquilo que está adiante, de forma refletida, é a capacidade de antecipar as consequências de nossas ideias e ações.

Conforme Dewey (2007), a reflexão é constituída de continuidade e a cada objetivo alcançado surgem outras ideias e outros objetivos, ela não é uma sucessão de atos sem conexão, é uma atividade coerente, ordenada, onde uma ideia prepara o próximo passo para outra, sempre juntando àquilo que já se sabe, e ainda, indo além, buscando constantemente a superação do saber adquirido, sempre acumulando informações e conhecimento.

Para Farfán (2013), produzir um pensamento reflexivo de acordo com Dewey é estar em um constante processo de discernimento e compreender a situação problemática para identificar a forma de como conduzir as ações. É um constante percorrer para superação de cada acontecimento enfrentado.

Neste sentido, para chegar ao pensamento reflexivo é necessário passar por um processo de transição, do pensar puramente empírico para o pensar metódico que requer planejamento e investigação. A educação deve ser o caminho para auxiliar o indivíduo nessa mudança de paradigma, onde a experiência adquirida por esse indivíduo será submetida a uma investigação mais profunda e elaborada, para que ele seja capaz de argumentar sobre tal experiência, deixando de ser um mero expectador e receptor dos fatos, para refletir sobre eles.

DO PENSAR PURAMENTE EMPÍRICO AO PENSAMENTO REFLEXIVO

Para Dewey (2007), o pensamento empírico é constituído por hábitos de expectativa baseados em repetição regular ou coincidências de

experiências do passado. Sempre quando duas coisas estão associadas há a expectativa de que uma coisa ocorra logo após a outra, como no caso do raio e do trovão. Quando eventos conexos ocorrem com frequência há a tendência de se acreditar positivamente que logo quando alguma coisa ocorre, a outra certamente ocorrerá também.

É importante ressaltar que Dewey não despreza o conhecimento empírico, pois o saber sistematizado começa sempre com a experiência. Contudo, algumas descobertas se deram feitas por meio de observações repetidas, ou seja, partiram do conhecimento puramente experimental, como no caso dos sábios do Oriente, que aprenderam a predizer eclipses por meio da observação contínua dos astros, sem mesmo entender das leis de movimentos celestes.

De acordo com Rubem Alves, “a aprendizagem da ciência é um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum. Só podemos ensinar e aprender partindo do senso comum de que o aprendiz dispõe” (ALVES, 2007, p. 12). Segundo Dewey (2007), entretanto, há alguns inconvenientes do pensamento puramente empírico, dos quais podem ser destacados três: primeiramente, sua tendência de conduzir a falsas crenças, pois o método empírico não oferece modo seguro de diferenciar entre conclusões corretas e conclusões errôneas; em segundo lugar, sua incapacidade para enfrentar o novo, pois um conhecimento cristalizado não tem utilidade diante de uma nova experiência, se tornando inerte diante da dúvida; e por fim, sua tendência a gerar inércia e dogmatismo mental, pois a mente exige princípio de continuidade e nexos entre fatos e causas, quando há algo vago, se inventam arbitrariamente forças com o propósito de preencher as lacunas com algo canonizado, como é o caso de explicações fantásticas e mitos, que não podem ser questionados nem modificados.

A educação deve levar o aluno a um processo de mudança, de um pensar meramente empírico para o conhecimento científico. Para Dewey, “o método científico é o único meio autêntico sob o nosso comando para obter a compreensão da real significação das experiências de todos os dias, no mundo em que vivemos” (DEWEY, 1976, p. 93).

No entanto, ele enxerga a ciência de uma forma mais ampla, a ênfase dada por ele ao método científico tem pouco a ver com técnicas especializadas, mas está direcionado ao sentido de investigação, onde os discentes devem ser impulsionados à pesquisa.

Dewey, referindo-se à pesquisa no sentido amplo, traça algumas ações que implicam o ato de pensar: A consciência de um problema, a observação de suas condições, a elaboração racional de uma conclusão hipotética e o ato de colocá-la experimentalmente em prova. Dewey conceitua o pensar como o esforço intencional para descobrir as relações específicas entre uma coisa que fazemos e a consequência que resulta, de modo a haver continuidade entre ambas. (BARBOSA; MOREIRA; MOURA, 2010, p. 6).

Reyes-Cárdenas; Padilla elencam algumas recomendações de John Dewey para a formação sob o ponto de vista da indagação, ou seja, para se construir o conhecimento embasado no método científico, para tanto:

Deve-se partir de alguma experiência atual e real da criança. Deve-se identificar algum problema ou dificuldade suscitados a partir dessa experiência. Deve-se inspecionar os dados disponíveis, assim como gerar a busca de soluções viáveis. Deve-se formular a hipótese de solução. Deve-se comprovar a hipótese pela ação. (REYES-CÁRDENAS; PADILLA, 2012, p. 415).

De forma resumida, Andrade (2009) diz que tal método consiste em: definição do problema, sugestão de uma solução, desenvolvimento e aplicação do teste experimental de formulação da conclusão.

De acordo com Galvão (1998), através do resultado dos métodos de observação, reflexão e contrastação empírica, a ciência admite descobrir erros de nossas convicções. Ela nos permite lograr a forma mais segura de conhecimento e perceber as relações de dependência que compõe a realidade por meio de sistemas de verdades, em que cada proposição ocupa um lugar bem definido.

No que se refere à mudança paradigmática da forma de pensar do aluno, o docente tem papel preponderante, pois o conduz na busca da consciência do seu papel de protagonista do seu processo educativo. Ele é sujeito e não coadjuvante de sua caminhada educacional. De forma dialógica e não impositiva, respeitando o que o aluno traz consigo, o professor o auxilia a investigar e aprofundar o conhecimento adquirido. Para tanto, o docente deve ser formado para ser reflexivo e não um mero repetidor de informações.

O PROFESSOR COMO INSTRUMENTO DO PENSAMENTO REFLEXIVO

Para Dewey, o aluno é o ator principal no cenário do processo educativo. Para explicitar isso ele lança mão da metáfora do barco, onde o professor é um guia, o que direciona. É o timoneiro do barco. A energia propulsora, no entanto, deriva dos alunos. A partir da experiência trazida por cada um, o professor dirigirá seus empreendimentos em direção à formação de hábitos reflexivos.

“O professor exercerá o papel difícil de alguém que oferece a mão ao aluno, mostra-lhe o mundo ao redor e ao mesmo tempo deixa que ele caminhe sozinho e busque a construção de seu próprio ser” (LINS, 2015, p. 33). E ainda, de acordo com Lins (2015), a responsabilidade pela ação educativa é do professor, muito embora o aluno seja sempre seu agente principal.

As condições para o professor exercer a função de líder intelectual de um grupo social são essenciais: a primeira delas refere-se à preparação intelectual acerca do assunto a ser abordado, pois o professor deve ter conhecimento abundante, chegando a transbordar, de forma a extrapolar as informações livrescas, textuais, de apostila, ou qualquer outro instrumento; em segundo lugar, deve estar preparado para o inesperado, para questionamentos, de modo que possa tirar proveito de indagações inesperadas, além de estar sempre motivado por um entusiasmo autêntico pelo conteúdo, de forma a contagiar os alunos.

Para tanto, os docentes busquem a formação contínua, “porque a prática docente, (...) me coloca a possibilidade que devo estimular de perguntas várias, preciso me preparar ao máximo para, de outro, continuar sem mentir aos alunos, de outro, não ter de afirmar seguidamente que não sei” (FREIRE, 2007, p. 97).

Para inculcar nos discentes a necessidade da reflexão frente ao que lhes for apresentado, o professor, primeiramente o professor precisa ser sujeito reflexivo e buscar frequentemente atualizar seus conhecimentos, daí a importância da formação continuada.

A formação permanente, aponta para o modelo de docente como investigador na prática, como ser reflexivo, que constantemente tem que tomar decisões, em contraposição ao modelo em que o professor/a é visto como mero executor/a das ideias de outros, dos

especialistas, isto é, como técnico que implementa um produto já criado pelos agentes externos. (REINA, 2012/2013, p. 192).

O interesse autêntico pela atividade mental própria, pessoal, um amor pelo conhecimento são características essenciais do professor, pois, sendo ranzinza, aborrecido, rotineiro, indiferente à experiência de outrem, fará com que qualquer conteúdo a ser trabalhado se torne insuportável.

De acordo com Alarcão (2009), a ideia de professor reflexivo é baseada em sua consciência de que cada ser humano é capaz de pensar e refletir, e essa reflexão é o que caracteriza o ser humano como criativo e inovador, e não simplesmente como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhe são alheias. Portanto, é papel do professor fazer com que os discentes sejam incentivados e tenham entusiasmo em sempre buscar, ir além, aprofundar o conhecimento que vai sendo adquirido.

Goussot (2013) considera que a indagação é o método mais valorizado por Dewey, para quem a arte de interrogar é importante e sua consequência é o estímulo ao gosto do estudante pela pergunta e pela investigação. Esta arte é, em última análise, uma prática filosófica e científica. O fato de interrogar materiais e dados recolhidos de observações aproxima ciência e filosofia, além de ser profundamente pedagógico, porque cria condições e guia a aprendizagem no sentido da investigação permanente.

O professor que não permite e fomenta a diversidade de atuação ao tratar as questões impõe aos alunos viseiras intelectuais, restringindo sua visão ao caminho que o espírito do professor queira aprovar. Provavelmente, a causa principal da devoção a rigidez do método é, sem dúvida, que parece prometer resultados rápidos, corretos, exatamente mensuráveis (DEWEY, 1998, p. 154).

É evidente que o domínio do conteúdo possibilita ao professor transmitir segurança, o que não significa que ele deve portar-se como único detentor do conhecimento e da verdade, submetendo os alunos à sua subjetividade sem dar importância ao conhecimento trazidos por eles. É importante que o professor estimule os discentes à pesquisa, pois só assim eles poderão fazer a passagem do conhecimento superficial para o conhecimento mais profundo e complexo.

A investigação e o método são essenciais para o exercício do magistério. Nesse sentido os professores deverão ser os primeiros a pesquisar e atualizar seus conhecimentos para dar suporte aos alunos. Por outro lado,

Dewey desta que o processo educativo correlacione os conteúdos à prática e à experiência como forma de incentivo à reflexão.

A EDUCAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Um dos pontos centrais da teoria da educação de John Dewey é o referencial prático, pois o conhecimento deve estar ligado à realidade do sujeito. “É inconcebível pensar vida, experiência e aprendizagem separadas, uma vez que se vive, experimenta e aprende simultaneamente” (LEITE, 2010, p. 25). O conhecimento só tem sentido, se tiver utilidade, ou seja, se estiver a serviço da existência humana.

Ao estudar temas muito distantes de sua experiência, os alunos não despertam a curiosidade ativa, nem superam a capacidade de compreensão, mas, por outro lado, passam a lidar com temas escolares uma escala de valores e realidades distante da das questões práticas e que lhes interessam de verdade. No que concerne à experiência, de acordo com Souza (2012), a filosofia deweyana foi elaborada com o intuito de possibilitar interligar o pensamento reflexivo e os eventos da experiência cotidiana.

O método empírico exige que a filosofia submeta seus procedimentos à experiência primária, ou seja, aquelas relacionadas às emoções e às primeiras impressões, enfim, aos sentidos. A verificação das conclusões se dá mediante investigação. Enquanto as hipóteses não são testadas de forma prática, constituem apenas opinião, especulação.

A teoria do método de conhecimento pode ser chamada de pragmatismo. Seu traço essencial é manter a continuidade do conhecimento com uma atividade que modifica intencionalmente o ambiente. Sustenta que o conhecimento em seu sentido estrito de algo possuído consiste em nossos recursos intelectuais, em todos os hábitos que fazem inteligente a nossa ação. Somente o que é organizado em nossas disposições para nos capacitar a adaptar o ambiente a nossas necessidades e nossos fins e desejos a situação em que vivemos é realmente conhecimento. O conhecimento não é justamente algo de que somos agora conscientes, mas sim consiste nas disposições que utilizamos conscientemente para compreender o que agora ocorre. O conhecimento como ato é trazer à consciência algumas de nossas disposições com vista a resolver uma perplexidade, concebendo a conexão existente entre nós mesmos e o mundo em que vivemos (DEWEY, 1998, p. 287).

Segundo Dewey, a única forma de obtenção de conhecimento é através da ação, da prática. De acordo com Lorieri (2000), a gênese do processo de conhecer é a ação, na ação e para a ação. Este ponto de partida deve proporcionar uma experiência reflexiva que, para Fávero (2009) consiste em um esforço intencional (pensar) para estabelecer relações entre o que se faz e as consequências resultantes da ação, de modo que haja correlação entre elas.

De acordo com Dewey (1998), a experiência se dá pela combinação de dois elementos, um ativo e outro passivo combinados respectivamente. Pelo lado ativo, a experiência é um ensaiar porque proporciona um sentido que se manifesta no termo “experimento”. No lado passivo é sofrer ou padecer, ou seja, através do agir, o objeto em relação ao qual se age exerce uma ação sobre o agente. Quando se experimenta alguma coisa, atua sobre ela, mas, posteriormente, se sofre ou padece as consequências.

Desta forma, a junção destas duas fases da experiência mede a fecundidade ou o valor dela. A mera atividade não constitui uma experiência, pois é dispersiva, afasta-se do centro de atenção. A experiência como ensaio supõe uma mudança, que pode ser sem sentido, a menos que esteja conscientemente interligada com a onda de retorno das consequências que fluem dela.

O conhecimento é sempre “ressignificação”, ou seja, reinterpretação, reorganização, cujo ponto de partida são as informações adquiridas preteritamente com acréscimo de dados provenientes de novas descobertas, através da investigação, transformando os saberes. O conhecimento não é algo estático, está sempre em movimento, não é algo pronto e acabado, está sempre fluindo. A busca incessante pelo aprimoramento e atualização de informações é o que movimenta o mundo. A educação deve motivar essa constante busca pelo saber.

Partindo do pressuposto que o conhecimento está em constante transformação, o objetivo da educação consiste em fazer com que os discentes cultivem o gosto pela investigação e pela pesquisa. Nisto consiste o processo emancipatório do raciocínio autônomo na busca de soluções para os problemas e superação das dúvidas.

A EDUCAÇÃO QUE CONDUZ À REFLEXÃO

A educação objetiva o crescimento e a condução do discente ao pensar reflexivo. Porque assim ele estará preparado para encarar as dúvidas e questionamentos de forma consciente, pois, segundo Dewey (2007), o pensamento capacita para se guiar as atividades com previsibilidade, servindo para realizar planejamento de acordo com objetivos ou fins que se tem em vista. Ela capacita para atuar de forma deliberada e intencional, para vislumbrar objetivos futuros e alcançar o domínio de realidades ainda ausentes.

Temos de ter presente que o pensamento é a possibilidade de um movimento voluntário e intencional; o pensamento é a única forma de nos distanciarmos de movimentos/ações irrefletidas, impulsivas ou habituais. Um ser humano privado do pensar move-se somente pelo impulso dos instintos ou dos desejos provocados pelas conjunturas externas ou pelo organismo. O sujeito não presume o fim com que atua, não tem consciência do que faz (daí a pertinência de ensinarmos a pensar, a pensar bem). (COSTA, 2013, p. 182).

O pensamento reflexivo proporciona o prolongamento do estado de dúvida, ou seja, a educação leva a mais conhecimento, objetiva à continuidade. O aprendizado faz com que o sujeito aja com autonomia, seja protagonista através de sua própria construção de saberes.

A capacidade de pensar nos liberta da submissão servil ao instinto, ao apetite e à rotina, também oferece a ocasião e a possibilidade de erro. Ao elevamos por cima da besta, abre a possibilidade do fracasso, à que o animal, limitado ao instinto, não está exposto (DEWEY, 2007, p. 38).

De acordo com Ali (2015) nós não nascemos sabendo a prática de aprender. O aprendizado ocorre quando se permite que o indivíduo seja capaz de aprender, quando se oportuniza diferentes maneiras de usar uma mesma experiência, pois isso o leva a realizar diversas associações e combinações de ideias, de acordo com as circunstâncias a que lhe são apresentadas. E segundo Dorigon (2008) a resolução de situações problemáticas pode resultar na transformação do investigador, do meio e de ambos. A ênfase principal é a transformação.

Dewey, em seu livro *Como pensamos*, apresenta algumas possibilidades do pensamento ser conduzido de forma errônea. Para tanto,

se baseia no filósofo John Locke, que argumenta que é possível educar o pensamento, para que se extraia dele as melhores possibilidades. É preciso estar atento ao comportamento que conduz às formas errôneas de pensamento.

Alguns fatores contribuem para se pensar de forma errônea, como por exemplo, os indivíduos que raramente raciocinam, pois quase sempre seguem o pensamento de outros, como os pais, os sacerdotes, ou outro modelo que julguem ser digno de confiança, assim não tem que pensar por si mesmos. Depois, existem os que colocam a paixão no lugar da razão e deixam que ela governe suas ações e argumentos, não utilizam razão própria nem escutam opiniões que são diferentes de seus interesses. Por fim, existem os que estão dispostos a seguir a razão, porém lhe falta uma visão ampla do assunto, possuem apenas um ponto de vista, pois buscam conhecer e até se aprofundam em um só aspecto da questão.

Na mesma obra Dewey expõe as ideias do filósofo Francis Bacon (1561-1626), que consiste nos ídolos ou fantasmas e atrapalham a construção do pensamento: a tribo refere-se aos métodos errôneos cujas raízes se encontram na natureza humana, o intelecto humano pode deturpar ou deformar as coisas pois é proveniente dos sentidos e falível; o mercado são os que provém da troca de conhecimento e do uso da linguagem, que podem levar a erros de interpretação e transmissão; a caverna são os que tem causas estritamente individuais, pois cada um possui uma visão diversa, e às vezes deformada por uma visão unilateral; o teatro trata-se dos que se originam da moda ou opinião geral de uma época.

De acordo com Souza (2009), Dewey afirma a necessidade de se educar o pensamento como forma de superar a superficialidade rudimentar e promover a transição para pensamento reflexivo, mais aprofundado e elaborado. Porém, o desenvolvimento da prática reflexiva, só pode acontecer a partir da necessidade de solução de algum problema, que pode surgir através da experiência.

Ao considerar o pensamento reflexivo como um esforço consciente e voluntário, Dewey refere-se ao fato de que este tipo de pensamento supera a sua forma rudimentar e, para tanto, há a necessidade de um exame dos dados, procura de provas (investigação) que ocasionam um processo penoso de inquietação e conturbação (SOUZA; MARTINELLI, 2009, p. 167).

A educação deve mostrar as possibilidades de engano do pensamento, que, para Costa (2013), esse engano pode ser causado pelo impulso, impaciência, soberba e escolha das coisas que levam em conta apenas o interesse próprio. A educação deve ensinar a pensar bem, mostrando a importância do pensamento, do questionamento e da reflexão, que deve mover cada um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos mudaram, o acesso a informação é maior e mais facilitado, já não existem autoridades inquestionáveis ou intocáveis. O conhecimento não é mais privilégio e exclusividade de uma minoria, foi democratizado e tornou-se acessível. Porém, com a facilidade de se acessar as informações, se faz necessário filtrá-las, questioná-las.

Isso só é possível se fazer com segurança através da pesquisa e do método, com investigação, para então se provar ou refutar ideias, mesmo sabendo que a pesquisa sistematizada, embasada no método científico não exime o pesquisador de equívocos, porém ele traz mais segurança aos conhecimentos adquiridos, pois estabelece hipóteses e coloca-as a prova.

Esse novo paradigma educacional baseado no incentivo à investigação favorece o aperfeiçoamento do conhecimento, pois o centro do processo educativo e protagonista do mesmo é o próprio aluno, esse deve ser capaz de utilizar informações, de forma a aproveitá-las, reinventá-las, transformá-las e ser transformado, sendo também um construtor de novos conhecimentos e informações.

É papel e objetivo da educação fazer com que o aluno seja um investigador, não aceitando verdades prontas e acabadas, mas que seja capaz de elaborar e construir conhecimento por si mesmo, de forma consciente e coordenada, sendo capaz de estabelecer relações entre os conteúdos aprendidos, e construir hipóteses na busca de resolução de problemas e esclarecimento de dúvidas. O discente deve esforçar-se por alcançar a sua autonomia, para não ser um eterno dependente de ideias e pensamentos de outrem.

O primeiro passo em direção à educação reflexiva é a formação dos professores, principais incentivadores dessa forma de pensar, cuja preocupação deve ser a formação constante, pois as informações se

atualizando permanentemente, a cada dia uma nova descoberta pode modificar o conhecimento disponível até então, só é possível despertar o interesse dos alunos pela investigação através do próprio exemplo.

Consequentemente, além de professores reflexivos, serão formados também médicos, advogados, pedagogos, historiadores e físicos. Enfim, serão mais profissionais e indivíduos que almejam se aperfeiçoarem permanentemente, com o propósito de transformar suas vidas através do conhecimento. Quando as pessoas forem capazes de agir com autonomia, sem depender exclusivamente do que os outros pensam, a educação terá alcançado seu objetivo, que é emancipar as pessoas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. Brasil: Cortez. 2009.

ALI, Tháís Ferreira; HARDT, Lúcia Schneider; MOURA, Rosana Silva de. Perspectivas de formação: diálogo entre crescimento e o cultivo de si. **Filosofia e educação**, Campinas, vol. 7, n. 2, jun./set. 2015.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 12. ed. São Paulo: Loyola. 2007.

ANDRADE, Guilherme Trópia Barreto de. Percursos históricos de ensinar ciências através de atividades investigativas. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, vol.13, n. 18, p. 121-138, jan./abr. 2011.

BARBOSA, Eduardo F.; MOREIRA, Adelson F.; MOURA, Dácio G.. O aluno pesquisador. In: XV ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino), Painel: Iniciação científica na educação básica: níveis de engajamento, o aluno pesquisador e concepção de egressos sobre o trabalho, Belo Horizonte, 2010, p. 1-6.

COSTA, Raquel L. A filosofia como a arte de ensinar/aprender a pensar desde a mais tenra idade. **Pensando**, vol. 4, n. 8, p. 178-196, 2013.

DEWEY, John. **Cómo pensamos: la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo**. Barcelona: Paidós. 2007.

_____. **Democracia y educación: una introducción a la filosofía de la educación**. 3. ed. Madrid: Morata. 1998.

_____. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional. 1976.

DORIGON, Thaisa Camargo; ROMANOWSKI, Joana Paulin. A reflexão em Dewey e Schön. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 8-22, jan./jul. 2008.

FARFÁN, Rocío Pichardo. La reflexión y la experiência como momentos esenciales en la construcción de una práctica reflexiva. **Revista Nueva Época**, v. 1, n. 1, p. 187-201, jan./jun. 2013.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; ROMAN, Marisa Fátima. A formação de professores reflexivos: a docência como objeto de investigação. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 277-288, mai./ago. 2013.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. Reconstrução da experiência e educação: a relação entre filosofia e pedagogia no pensamento de John Dewey. **Contexto e educação**, Ijuí, ano 24, n. 82, p. 111-134, jul./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Pedro. A ciência na educação segundo John Dewey. **Revista Philosophica**, Lisboa, 12, p. 129-144, 1998.

GOUSSOT, Alain. Dewey oggi: la pedagogia impossibile e l'utopia dell'educazione democratica. **Educazione democratica**, Foggia, ano 3, n. 5, p. 15-46, jan. 2013.

LEITE, Lidiane da Silva Moreira. John Dewey: a experiência como condição do processo educativo. **Empório**, São João Del Rei, n. 3, p. 12 -26, jan./dez. 2010.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira. **Filosofia e educação**, Campinas, vol. 7, n. 2, p. 19-46, jun./set. 2015.

LORIERI, Marcos Antônio. Aspectos do instrumentalismo pragmatista na teoria do conhecimento de John Dewey. **Cognitio**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 46-57, 2º Sem. 2000.

NUZZACI, Antonella. Pratiche riflessive, riflessività e insegnamento. **Studium educationis**, Padova, ano 12, n. 3, p. 9-27, out. 2011.

REINA, Virginia Guichot. La capacidad reflexiva, factor esencial de la identidad profesional del profesorado: reflexiones en torno a las propuestas de John Dewey y Martha Nussbaum. **Cuestiones pedagógicas**, Sevilla, 22, p. 183-202, 2012/2013.

REYES-CÁRDENAS, Flor; PADILLA, Kira. La indagación y la enseñanza de las ciencias. **Revista Educación química**, 23(4), 415-421, 2012.

RODGERS, Carol. Defining Reflection: Another Look at John Dewey and Reflective Thinking. **Teachers College Record**, New York, vol. 104, n. 4, p. 842-866, jun. 2002.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. Os fundamentos da pedagogia de John Dewey: uma reflexão sobre a epistemologia pragmatista. **Revista Contrapontos - eletrônica**, Maringá, vol. 12, n. 2, p. 227-233, mai./ago. 2012.

SOUZA, Rodrigo Augusto de; MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 35, p. 160-172, set. 2009.